

Para quem não leu as críticas diretamente no Jornal, *TEATRO EM PROGRESSO* é uma descoberta encantadora; para quem já teve a oportunidade de conhecer os estudos que o compõem, sua leitura é um prazer renovado. Quantas vezes me surpreendi — e a meus companheiros — pelas risadas deliciosas que o livro suscita. Nesses momentos, esquecia-me que preparava um trabalho, empolgada pela leitura e contagiada pelo entusiasmo do Autor diante de um bom espetáculo. É que o estilo de Décio de Almeida Prado é vivo, colorido, cheio de imagens pitorescas, mas ao mesmo tempo elegante e discreto. A verdade é que suas palavras são maleáveis, e recriam no leitor a emoção que o espetáculo deve ter despertado no público.

A crítica de *PLUFT, O FANTASMINHA*, de Maria Clara Machado, por exemplo, se impregna do espírito da peça: suas qualidades são leveza, graciosidade, humor, resultantes da sensibilidade — não apenas crítica, mas criadora do Autor: "Era uma vez um fantasma chamado Pluft, que tinha medo de gente (às vezes desconfiava que gente nem existia)." (p. 26)

Outras críticas, ao contrário, se revelam maliciosas, contaminadas do tom do espetáculo: "Que o título acima (*A DAMA DAS CAMÉLIAS*) não induza nenhum conspícuo leitor a erro: exceto pelo fato incontestável de ambas usarem camélias e nenhuma das duas ser propriamente uma dama, não há qualquer semelhança entre a Margarida Gauthier de Dumas Filho e a personagem criada por Dercy Gonçalves." (p. 37)

Concluindo, podemos dizer que *TEATRO EM PROGRESSO*, publicação aparentemente desprezenciosa, pois é a coletânea de oitenta e três críticas de peças representadas em São Paulo, durante os últimos nove anos, revela ao leitor mais atento seu verdadeiro alcance. Recomenda-se, portanto, sua leitura integral, pois só assim delinea-se o fio do pensamento que lhe dá unidade, e sentido mais profundo à carreira do Crítico, empenhado numa tarefa complexa, mas atraente. Através de *TEATRO EM PROGRESSO*, rastreamos a evolução do teatro brasileiro: o movimento das casas de espetáculo, que firmam uma reputação de acordo com as peças encenadas; a continuidade das representações, de autores estrangeiros ou nacionais, encetadas por valores nossos, representações essas que podemos confrontar com as de companhias estrangeiras, em suas temporadas no Teatro Municipal (nem sempre, é bom que se diga, levamos a pior...); o evidente amadurecimento de nossos dramaturgos, que, embora muitas vezes sejam influenciados por outros artistas, libertam-se dessa influência, para criar, com peças de sentido universal, algo realmente brasileiro, condizente com nosso temperamento e tradição. — Neusa Pinsard Caccese

CASTELLO, José Aderaldo — *A Literatura Brasileira — Manifestações da Era Colonial*, 2.<sup>a</sup> ed. rev. e aum., São Paulo, Editôra Cultrix, 1965, 255 pp.

Graças ao êxito alcançado pela 1.<sup>a</sup> edição, rapidamente esgotada, o que bastaria por si para explicar a aceitação da obra, sai agora a 2.<sup>a</sup> edição ampliada e bastante melhorada de *A Literatura Brasileira* de J. A. C., elaborada, com critério e seriedade. Não se trata propriamente de uma história da literatura, mas antes de um ensaio feito com perspectiva de justeza para mostrar as origens da Literatura Brasileira e sua evolução através de certas constantes, continuadas e enriquecidas com os tempos. Com visão clara do problema e de suas interrelações, consegue demonstrar que a Era Colonial se constitui numa

fase de preparação da Literatura Brasileira até que ela alcance sua autonomia, iniciada com o Romantismo. Deu especial relêvo ao sentimento nativista, vertente mais fecunda das manifestações dessa era e verdadeiramente o responsável pela formação da idéia de nacionalidade. E aí se encontra de fato a unidade das manifestações literárias dos primeiros séculos de vida no Brasil, unidade que o Prof. J. A. C. aponta com clareza, mostrando seu crescimento até se transformar em elemento diferenciador de nossa expressão literária até então mero prolongamento da Literatura Portuguesa.

Inicia-se sua obra pela discussão e crítica dos critérios adotados pelos historiadores da literatura, visando marcar as origens e formação da Literatura Brasileira no século XVI. Com isso o A. busca estabelecer o ponto de partida a fim de conceituá-la para fundamentar sua perspectiva. Assim, conceituada a Literatura Brasileira e definida a Era Colonial, o A. reconhece o século XVI como "século de preparação para o desenvolvimento posterior da literatura no Brasil Colônia" (p. 31). Passando pelos cronistas portugueses e jesuítas que escreveram sobre a terra, destaca a figura de José de Anchieta, como a mais significativa, porque ele "foi um precursor-iniciador de alguns aspectos e tendências ou temas de nossa tradição literária" (p. 56). Deste modo, o século XVI aparece a J. A. C. numa nova dimensão e importância assinaladas por José de Anchieta e consequentemente revalorizada pela perspectiva histórica do A.

Passando às manifestações da época barrôca que caracterizam o século XVII, o A. procura vê-las em função do complexo sócio-econômico, responsável pelas expressões artísticas verificadas no Brasil como prolongamento das mesmas expressões da Literatura Portuguesa. Nesse período de nossa vida literária, o A. aponta o nascimento e o desenvolvimento do espírito nativista, marcando tanto a poesia quanto a prosa. Suprindo a lacuna da primeira edição, J. A. C. ampliou e enriqueceu consideravelmente o estudo sobre Gregório de Matos que "preenche perfeitamente a trajetória barrôca, com seus processos técnicos e expressivos e com suas preferências temáticas" (p. 82). Também a prosa dessa época está contaminada pela influência barrôca e marca as manifestações de Ambrósio Fernandes Brandão, Frei Vicente do Salvador, Rocha Pita e Antônio Vieira, bem como de outros prosadores. O estudo sobre Vieira também foi ampliado nessa 2.<sup>a</sup> edição, num reconhecimento de sua importância na oratória religiosa porque "com relação ao gosto literário dominante, em língua portuguesa pobre, ele se destaca universalmente como um exemplo marcante, de relêvo incontestável" (p. 90). Na verdade, sua influência se irradia para os campos político, religioso, social e econômico, atestando sua invulgar capacidade de trabalho, elementos bem destacados por J. A. C.

Como reflexo tardio das academias européias, surge no século XVIII o movimento academicista no Brasil como natural consequência das manifestações cultistas e conceptistas, que encontraram "importante fator de propagação no movimento academicista" (p. 99). O A. procura ver no movimento os elementos positivos que de alguma maneira contribuíram para a afirmação de uma manifestação literária que se ia aos poucos diversificando dos padrões puramente portugueses. E "se é verdade, portanto, que o movimento academicista apresenta aspectos negativos, é também certo que avulta, no século XVIII, como movimento cultural mais complexo e legítimo que tivemos em toda a era colonial" (p. 119). A seguir, entra a considerar as manifestações da prosa contemporânea ao academicismo, mas desligadas dele, onde encontra os primeiros elementos de romance no Brasil, com Nuno Marques Pereira e Teresa Margarida da Silva, cujas obras J. A. C. examina com cuidado.

Depois da introdução, onde justifica as razões dos limites da era arcádica e dos elementos pré-românticos, inicia o estudo do arcadismo e, agrupados os poetas em líricos e épicos, o A. estuda a obra de cada um deles, dentro dessas duas facetas. Para J. A. C. Cláudio Manuel da Costa, pela sua posição crítica e como autor de "transição" é o mais importante dos árcades brasileiros. É o poeta a quem o A. confere estudo de maior dimensão e, apesar de fazer-lhe certas restrições quanto a sua expressão, reconhece que "avulta em Cláudio Manuel da Costa o árcade, admirável sonetista, poeta de forma trabalhada a ponto de ser um dos preferidos pelos nossos parnasianos" (p. 139). Ganha relêvo em sua obra Silva Alvarenga, a quem J. A. C. coloca num plano de importância considerável, pela posição crítica do autor de *Glaura* que lhe permite um lugar de transição entre o espírito bajulador e a atitude de liberdade em relação à Metrópole. O que nos surpreende, de certa maneira, é a pouca importância dada a Tomás Antônio Gonzaga, estudado em apenas duas páginas, para doze dedicadas a C. M. da Costa e também para Silva Alvarenga, ficando assim colocado numa posição subalterna, destoante de nossa tradição literária onde ele tem sido apontado como grande poeta. Ocupando-se rapidamente de Alvarenga Peixoto, passa a Basílio da Gama, colocado pelo A. no ciclo camoniano, de quem recebeu influências bem marcadas em seu poema. Destaca nêlo o sentimento da paisagem que "já é algo novo e expressivo na poesia da época, voltada para o Brasil" (p. 171), onde estaria a poesia americana. Já Santa Rita Durão "se apresenta mais dentro da linha nativista das manifestações poéticas da era colonial, ao mesmo tempo que representa um retrocesso ao modelo camoniano, fielmente seguido" (p. 171). Quanto ao poema *Vila Rica*, de Cláudio Manuel da Costa, "não resta dúvida de que sua elaboração definitiva resultou da plena definição crítica da atitude nativista do poeta" (p. 175) e apresenta "maior valor histórico e crítico" em comparação com os poemas de Basílio da Gama e Santa Rita Durão. Por esse motivo o A. insiste em seu estudo, alargando as perspectivas de visão do poeta que deixou marcada esteira por onde outros virão a caminhar depois.

Iniciando o exame da segunda fase arcádica, contemporânea à definição do Romantismo na Europa, J. A. C. coloca como ponto de fundamental importância "as reformas culturais, econômicas e políticas de D. João VI no Brasil e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento crescente do antilusitanismo" (p. 189), visto que elas modificam a realidade brasileira alargando o meio e abrindo possibilidades de manifestações de cultura que preparam o advento do Romantismo. O A. mostra que a vinda de D. João VI "apressou a emancipação espiritual do Brasil" (p. 195), porque provocou um arejamento do ambiente, acelerando a atividade cultural, a vida social e permitindo o conhecimento de outras culturas além da portuguesa. Entre as reformas, ganha especial relêvo a criação da Imprensa Régia a possibilitar, doravante, a impressão do livro no Brasil, até então feito em Portugal. Com isso amplia-se consideravelmente a divulgação e a circulação de idéias. Em seguida, J. A. C. historia as publicações da época bem como o nascimento da atividade periódica no Brasil, mostrando como se vai transformando a vida no Brasil ao influxo dum grande número de modificações. Na atividade oratória, destaca Monte Alverne como "uma das figuras mais representativas do momento histórico em que viveu, tanto pelas idéias que resultaram de sua qualidade de religioso e das tendências do romantismo espiritualista, quanto pelas idéias que emanaram do momento histórico nacional" (p. 212). No campo literário em geral, as atividades se desenvolvem "numa mistura de Arcadismo, pré-romantismo, até mesmo Romantismo e o despertar da

literatura folclórica" (p. 213). Ao estudar essas manifestações, J. A. C. destaca a importância de José Bonifácio e de Borges de Barros, cuja poesia encontra ressonância em escritores posteriores e se estende pelo Romantismo adentro. Examinando os centros irradiadores de vida cultural e literária, J. A. C. ressaltava o papel da *Sociedade Filomática* de São Paulo, em cuja revista João Salomé Queiroga fala numa "poesia nacional, inspirada em motivos populares e escrita em "língua brasileira" (p. 231). A grande importância da Revista da Soc. Filomática está em que o "pensamento crítico e renovador, que ela exprime, projeta-se na Niterói — *Revista Brasiliense*" (p. 236), considerada porta-voz do Romantismo no Brasil.

Encerra a obra uma síntese final em que J. A. C. enfeixa as determinantes de uma expressão artístico-literária que nasce no século XVI como mero prolongamento da Literatura Portuguesa, até o momento em que ela adquire feição própria, graças a um conjunto de modificações, vindo a transformar-se numa expressão literária distinta da inicial e com elementos que lhe são próprios e peculiares.

Como boa perspectiva histórica e clareza na exposição, J. A. C. pôde realizar obra bastante significativa para interpretar os "momentos decisivos" de nossa formação literária, apontando os elementos que aos poucos foram distinguindo o fato literário produzido no Brasil inicialmente pelo colonizador e depois pelo brasileiro, nato ou de eleição. Obra rica de informações, bem documentada, é peça essencial para quem quiser conhecer o nascimento, desenvolvimento e formação da Literatura Brasileira, dentro de uma perspectiva geral em que os efeitos têm explicadas as suas causas. — José Carlos Garbuglio

BOSI, Alfredo — *A Literatura Brasileira — O Pré-Modernismo*. "Roteiro das Grandes Literaturas", vol. V. São Paulo, Cultrix, 1966, 162 pp.

Dentro da programação da Editora Cultrix, relativamente à história da Literatura Brasileira, pretendendo estudá-la desde o início até a atualidade, temos agora o volume dedicado às manifestações pré-modernistas. Entregue a tarefa ao professor Alfredo Bosi, afeito à coisa literária fora dos limites do historicismo, podemos afirmar que se desincumbiu satisfatoriamente, graças ao seu talento, sensibilidade e formação sólida, presentes na síntese feliz desse difícil período da Literatura Brasileira. Tratando-se de um momento pouco estudado, soube movimentar-se com segurança e clareza de idéias, sustentando um equilíbrio raro no trato de escritores em geral exaltados ou subestimados sem base de caráter científico.

Assim uma vez definidos os critérios estético e cronológico que orientam os objetivos da obra e a atitude em face do fato literário, Alfredo Bosi estabelece os limites de seu campo de ação aos dois primeiros decênios deste século, em que convivem tradições de passadismo e a anunciação, ainda que pálida, de nova realidade literária. Caminhando nesses dois extremos, o A. aponta os elementos caracterizadores das obras como reflexo de uma ou outra posição e muitas vezes das duas posições ao mesmo tempo.

Desta maneira, verifica que a poesia parnasiana ou neoparnasiana, que anima o momento, "traduz uma concepção estética obsoleta" (p. 20), já superada nos núcleos onde viveu sem grande vitalidade, mas persistente entre nós na voz